

Tayari Jones

# Um Casamento Americano

Tradução de Tânia Ganho

## Roy



EXISTEM DOIS TIPOS DE PESSOAS NO MUNDO: as que saem de casa e as que não saem. Orgulho-me de pertencer à primeira categoria. A minha mulher, a Celestial, costumava dizer que, no âmago, sou um rapaz do campo, mas nunca liguei muito a essa designação. Para começar, não sou do campo propriamente dito. Eloe, no estado da Luisiana, é uma povoação pequena. Quando se fala em «campo», uma pessoa imagina coisas como cultivar a terra, empilhar feno e ordenhar vacas. Nunca na vida colhi uma única bola de algodão, embora o meu pai o tenha feito. Nunca toquei num cavalo, numa cabra ou num porco, nem tenho a mínima vontade de o fazer. A Celestial costumava rir-se, esclarecendo que não dissera que eu era agricultor, mas simplesmente rural. Ela é de Atlanta e eu poderia dizer que também é do campo, mas, define-se como uma «mulher do Sul», a não confundir com uma «beldade sulista». Vá-se lá saber porquê, não se importa com o epíteto «pêssego da Geórgia» e eu também não, portanto assunto encerrado.

A Celestial considera-se uma pessoa cosmopolita, e até tem uma certa razão. Dito isto, dorme todas as noites na casa onde cresceu, enquanto eu, pelo contrário, me fui embora no primeiro meio de transporte que arranjei, precisamente setenta e uma horas depois de ter acabado o secundário. Teria partido mais cedo, mas a camioneta da Trailways não parava em Eloe todos os dias. Quando o carteiro entregou à minha

mãe o tubo de cartão com o meu diploma, já eu estava instalado num quarto, no dormitório da Morehouse College<sup>1</sup>, com uma bolsa destinada a estudantes que fossem os primeiros membros da sua família a ingressar no ensino superior. Fomos convidados a comparecer dois meses e meio antes dos estudantes filhos de antigos alunos, para nos ambientarmos e inteirarmos dos aspetos básicos. Imaginem vinte e três rapazes negros a assistirem a *Aulas Turbulentas*, do Spike Lee, e *O Ódio que Gerou o Amor*, do Sidney Poitier, em loop e ficarão, ou não, com uma ideia. A doutrinação nem sempre é uma coisa má.

Ao longo de toda a minha vida recebi ajuda de programas de incentivo para famílias carenciadas: do Head Start, aos cinco anos, e do Upward Bound durante toda a escolaridade. Se algum dia tiver filhos, poderão pedalar pela vida fora sem rodinhas, mas eu gosto de dar os louros a quem os merece.

Foi em Atlanta que aprendi as regras e aprendi-as depressa. Nunca ninguém me chamou estúpido. Mas a nossa terra não é o sítio onde *aterramos*; é o sítio de onde *descolamos*. Não podemos escolher a nossa terra, da mesma maneira que não podemos escolher a nossa família. No póquer, dão-nos cinco cartas. Podemos trocar três, mas as outras duas ficam connosco: a família e a terra natal.

Não estou a dizer mal de Eloe. É óbvio que há lugares piores; basta ter noção do panorama geral para perceber isso. Para começar, é verdade que Eloe se situa na Luisiana, um estado que não é propriamente um manancial de oportunidades, mas fica na América e, para uma pessoa negra e com dificuldades, provavelmente não existe melhor lugar, nessas circunstâncias, do

---

<sup>1</sup> Uma das universidades privadas históricas nos Estados Unidos, criada em 1867, em Atlanta, exclusivamente para estudantes do sexo masculino. Entre os seus alunos famosos, contam-se figuras como Martin Luther King Jr. e Spike Lee. (*N. da T.*)

que os Estados Unidos. Mas nós não éramos pobres. Deixem-me frisar bem isso. Durante o dia, o meu pai trabalhava arduamente na loja Buck's Sporting Goods e, no final do expediente, fazia biscates, e a minha mãe passava demasiadas horas a tratar dos tabuleiros num restaurante self-service para agora eu dar a entender que não tínhamos nem eira nem beira. Que fique aqui registado que tínhamos ambas.

A minha família resumia-se a três pessoas — a Olive, o Roy Grande e eu — e vivíamos numa casa sólida, de tijolos, num quarteirão seguro. Eu tinha o meu próprio quarto e, quando o Roy Grande construiu um anexo, fiquei com uma casa de banho só para mim. Quando os sapatos deixavam de me servir, nunca era obrigado a esperar por uns novos. Embora eu tenha recebido ajuda financeira, os meus pais fizeram a sua parte para que fosse possível eu ir para a faculdade.

Ainda assim, a verdade é que não havia extras. Se a minha infância fosse uma sanduíche, a carne não transbordaria do pão. Dispúnhamos daquilo de que necessitávamos e nada mais. «E nada menos», diria a minha mãe, envolvendo-me num dos seus abraços apertados.

Cheguei a Atlanta com a sensação de que tinha a vida inteira pela frente: resmas sem fim de papel em branco. E sabem o que se costuma dizer: a um homem de Morehouse nunca falta uma caneta. Dez anos depois, a minha vida estava no ponto ideal. Quando alguém me perguntava «De onde és?», eu respondia «De A!», tão íntimo da cidade que até a tratava pela alcunha. Quando me interrogavam sobre a minha família, eu falava da Celestial.

Estivemos casados como deve ser durante um ano e meio, e fomos felizes nesse período, pelo menos eu fui. Talvez não fôssemos felizes-felizes como algumas pessoas, mas não somos os típicos negros burgueses de Atlanta, em que o marido dorme com o portátil debaixo da almofada e a mulher sonha com joias

da Tiffany. Eu era jovem, sedento e em ascensão. A Celestial era artista, intensa e deslumbrante. Éramos como as personagens do filme *Love Jones*, mas adultos. O que é que eu posso dizer? Sempre tive um fraquinho por mulheres estrelas-cadentes. Quando estamos com elas, sabemos que mergulhámos a fundo, não há nada de superficial, do tipo «olá e adeus». Antes da Celestial, namorei com outra rapariga, também nascida e criada em A. Essa miúda, que tinha um ar todo bem-comportado, sacou de uma arma contra mim em plena gala da Urban League! Nunca me esquecerei daquela pistola prateada de calibre .22, com o punho em madre-peróla cor-de-rosa. Mostrou-ma dentro da carteira por baixo da mesa, quando estávamos a desfrutar de um bife com batatas gratinadas. Disse que sabia que eu andava a enganá-la com uma tipa qualquer da Associação de Advogados Negros. Como é que hei de explicar o que aconteceu? Tive medo e, depois, deixei de ter. Só uma miúda de Atlanta conseguiria fazer com tanta classe uma coisa tão de rufia. Verdade seja dita, era a lógica do amor, mas fiquei na dúvida se devia pedi-la em casamento ou chamar a polícia. Rompemos antes de nascer o dia e não foi por decisão minha.

Depois da Pistoleira, perdi o jeito com as mulheres durante um breve período. Lia as notícias, como toda a gente, e ouvi dizer que havia uma suposta falta de homens negros, mas parecia que essa boa notícia nunca mais se fazia sentir na minha vida social. Todas as raparigas por quem me interessava tinham outra pessoa qualquer à espera na calha.

Um pouco de concorrência é saudável para todas as partes envolvidas, mas a partida da Pistoleira entranhou-se-me na pele como bichos-de-pé e lá fui eu a Eloe passar uns dias e assentar ideias com o Roy Grande. O meu pai tem qualquer coisa nele de omnipresente, como se já estivesse num lugar quando aparecemos e lá continuasse, sentado na mesma espreguiçadeira, muito tempo depois de nos termos ido embora.

— Não queiras uma mulher que sacou de uma arma contra ti, filho.

Tentei explicar que aquilo que tornou a situação épica foi o contraste entre a pistola de rufia e o esplendor da cerimónia. Além disso:

— Ela estava a brincar, papá.

O Roy Grande assentiu com a cabeça e sorveu a espuma do copo de cerveja.

— Se é assim que ela brinca, como é que vai ser quando se irritar?

Da cozinha, como se falasse por intermédio de um intérprete, a minha mãe gritou:

— Pergunta-lhe com quem ela está agora. Pode ser maluca, mas não é louca. Ninguém dispensaria o Roy Pequeno sem ter alguém de reserva.

— A tua mãe quer saber com quem ela está agora — perguntou o Roy Grande, como se não estivéssemos todos a falar a mesma língua.

— Com um advogado qualquer. Não do género do Perry Mason. Um advogado contratual. Um tipo que lida com papelada.

— Tu não lidas com papelada, também? — perguntou o Roy Grande.

— É completamente diferente. É temporário, este trabalho de comercial. Além disso, o meu destino não passa pela papelada. É só o que, por acaso, estou a fazer neste momento.

— Está bem — respondeu o Roy Grande.

A minha mãe continuava a mandar bitates da cozinha.

— Diz-lhe que ele está sempre a deixar que raparigas de pele clara o magoem. Diz-lhe que tem de se lembrar das raparigas aqui de Allen Parish. Diz-lhe que devia ajudar alguém a subir na vida com ele.

— A tua mãe diz... — começou o Roy Grande, mas eu interrompi-o.

— Eu ouvi-a e ninguém aqui disse que a rapariga era de pele clara.

Mas é claro que era, e a minha mãe tem um sexto sentido em relação a isso.

A Olive saiu da cozinha a limpar as mãos numa toalha às riscas.

— Não te enerves. Não estou a querer meter-me na tua vida.

Ninguém consegue satisfazer a mãe quando se trata de mulheres. Todos os meus amigos me dizem que as mães estão sempre a avisá-los: «Se ela não puder usar o mesmo pente que tu, não a tragas para casa.» As revistas *Ebony* e *Jet* juram a pés juntos que todos os homens negros com um tostão no bolso estão a optar por relações «café com leite». Quanto a mim, prefiro «café puro», e a minha mãe ainda tem a lata de me chatear por causa do tom específico de pele que escolho.

Seria de esperar que ela gostasse da Celestial. As duas eram fisicamente tão parecidas que podiam ser da mesma família. Tinham ambas uma beleza simples, como a Thelma da série *Good Times*, a minha primeira paixão televisiva. Mas não; no que dizia respeito à minha mãe, a Celestial tinha a aparência certa, só que pertencia a um mundo diferente. O Roy Grande, por seu lado, ficou tão embeijado pela Celestial que se teria casado com ela, se eu não o tivesse feito. Nada disto a fazia marcar pontos junto da Olive.

— Só há uma coisa que me pode salvar aos olhos da tua mãe — sentenciou a Celestial, uma vez.

— O quê?

— Um bebé — respondeu ela, com um suspiro. — Sempre que a vejo, ela olha-me de alto a baixo, como se eu tivesse os netos dela reféns no meu corpo.



— Que exagero.

Mas a verdade era que eu conhecia a minha mãe. Ao fim de um ano, estava pronto para me lançar nessa aventura, criando uma nova geração com um conjunto atualizado de regras e regulamentos.

Não é que houvesse alguma coisa de mal na maneira como qualquer um de nós foi criado, mas, ainda assim, o mundo está a mudar, por isso a forma como as pessoas educam os filhos também tem de mudar. O meu plano passava, em parte, por nunca, nunca mencionar a colheita de algodão. Os meus pais falavam sempre sobre o algodão, real ou metafórico. Os brancos dizem: «É melhor do que abrir valas»; os negros dizem: «É melhor do que colher algodão.» Não vou lembrar aos meus filhos que alguém morreu para que eu pudesse fazer coisas do dia-a-dia. Não quero que o Roy III esteja sentado no cinema a tentar ver *A Guerra das Estrelas*, ou seja o que for, e a pensar que sentar-se a comer pipocas é um direito que custou a vida a alguém. Nada disso. Ou, pelo menos, não em demasia. Teremos de acertar as doses. A Celestial jura que nunca dirá que os negros precisam de ter o dobro da competência dos brancos para receberem metade do que eles recebem. «Mesmo que seja verdade», disse ela, uma vez, «que raio de coisa é essa para se dizer a uma criança de cinco anos?»

Ela encarnava o equilíbrio perfeito: não era uma mulher do tipo empresarial conservador, mas luzia o seu pedigree como o brilho num sapato de couro. Além disso, comportava-se como artista sem entrar no patamar da loucura. O mesmo é dizer que não andava de pistola cor-de-rosa na carteira, mas não lhe faltava paixão. A Celestial gostava de seguir o seu próprio caminho e percebia-se isso só de olhar para ela. Era alta, media um metro e setenta e cinco descalça, era mais alta do que o próprio pai. Sei que a altura é uma questão de sorte, mas parecia que ela escolhera

aquela estatura toda. O cabelo, grande e revoltado, tornava-a um pouquinho maior do que eu. Mesmo antes de sabermos que era um génio com agulha e linha, percebíamos que estávamos a lidar com um indivíduo único. Embora algumas pessoas — e por «algumas pessoas» refiro-me à minha mãe — não fossem capazes de o ver, tudo isso faria dela uma excelente mãe.

Quase tenho vontade de lhe perguntar se podemos chamar ao nosso filho Futuro, ou Futura se for menina.

Se dependesse de mim, teríamos embarcado no comboio dos bebés logo na nossa lua-de-mel. Imaginem-nos deitados numa cabana com o chão em vidro sobre o mar. Eu nem sabia que *existiam* coisas assim, mas quando a Celestial me mostrou a brochura fingi que era mesmo o que queria e disse-lhe que constava da minha lista de coisas a fazer antes de morrer. Ali estávamos nós, a relaxar por cima do oceano, desfrutando um do outro. A cerimónia de casamento fora há mais de um dia, porque Bali ficava à distância de vinte e três horas em primeira classe. Para o casamento, a Celestial arranjara-se como se fosse uma bonequinha. Aquela cabeleira maluca foi domada num coque de bailarina e a maquilhagem dava-lhe um aspeto ruborizado. Quando a vi a flutuar pela igreja dentro na minha direção, ela e o pai riam-se, como se fosse só o ensaio geral. Ali estava eu, sério como quatro enfartes e um AVC, mas, então, ela levantou os olhos para mim e fez uma boquinha com os lábios pintados de rosa, mandando-me um beijinho, e eu percebi a piada. Ela estava a mostrar-me que aquilo tudo — as meninas a segurarem-lhe a cauda do vestido, a minha casaca, até as alianças no meu bolso — era só teatro. De verdade, eram a dança de luz nos olhos dela e a corrente veloz do nosso sangue nas veias. E também eu sorri.

Em Bali, o penteado lambido desapareceu em três tempos e ela exibia uma carapinha afro à anos 70 e estava nua, só com purpurina a cobrir-lhe o corpo.

— Vamos fazer um bebê — disse eu.

Ela riu-se.

— É assim que me queres pedir uma coisa dessas?

— Estou a falar a sério.

— Ainda não, papá — disse ela. — Mas em breve.

Nas nossas bodas de papel, escrevi numa folha: «Em breve é agora?»

Ela virou-a e escreveu: «Em breve foi ontem. Fui ao médico e ele disse que está tudo a funcionar lindamente.»

Mas foi outro pedaço de papel que nos tramou: o meu próprio cartão-de-visita. Estávamos de volta a casa, depois do nosso jantar de aniversário de casamento no restaurante Beautiful, meio café, meio self-service, na Cascade Road. Um sítio simples, mas foi lá que a pedi em casamento. Na altura, ela respondeu: «Sim, mas guarda o anel, antes que nos assaltem!» No nosso aniversário de casamento, fomos lá para um festim de costela, macarrão com queijo e torta de milho. Depois, regressámos a casa para a sobremesa, duas fatias de bolo de casamento que tinham ficado no congelador durante trezentos e sessenta e cinco dias, a ver se nos aguentávamos um ano inteiro. Em vez de deixar a coisa por ali, decidi abrir a minha carteira para lhe mostrar a fotografia dela que lá tinha. Quando tirei a foto, o meu cartão-de-visita voou e aterrou ao lado das fatias de bolo com licor de amêndoas. Nas costas do cartão, em tinta roxa, estava o nome de uma mulher e um telefone, o que, por si só, já era mau. Mas a Celestial reparou em mais três dígitos, que depreendeu serem o número de um quarto de hotel.

— Eu posso explicar — disse-lhe.

A verdade era muito simples: eu gostava de mulheres. Apreciava um certo jogo de sedução, aquilo a que se chama um *frisson*. Ocasionalmente, colecionava números de telefone como se ainda andasse na faculdade, mas 99,997 por cento das vezes ficava-me

por aí. Gostava simplesmente de saber que ainda conseguia engatar. Inofensivo, certo?

— Podes começar a explicar — disse ela.

— Ela enfiou-mo no bolso sem eu perceber.

— Como é que ela enfiou o teu próprio cartão-de-visita no teu bolso sem tu perceberes? — A Celestial estava furiosa, o que me excitou um bocado, como o estalido do fogão antes de a chama se acender.

— Ela pediu-me o meu cartão. Achei que não tinha mal nenhum.

A Celestial levantou-se e recolheu os pratos, ainda com bolo, e deitou-os no caixote do lixo, prò diabo com a louça de casamento. Voltou para a mesa, pegou na sua flute de champagne rosé e emborcou-o como se fosse um shot de tequila. Depois, arrancou-me o copo da mão, bebeu a minha dose e atirou os dois copos de pé alto para o lixo. Repicaram como sinos quando se partiram.

— És tão aldrabão — disse ela.

— Mas onde é que eu estou neste momento? — respondi.  
— Aqui contigo. Em nossa casa. Deito a cabeça na tua almofada todas as noites.

— Fogo, no nosso aniversário de casamento! — exclamou. A fúria dela transformava-se em tristeza. Sentou-se na cadeira da cozinha. — Para quê casar, se queres trair?

Não lhe fiz ver que para trair é preciso estar casado. Em vez disso, disse-lhe a verdade.

— Nem sequer liguei à rapariga. — Sentei-me ao lado dela.  
— Amo-te. — Disse-o como se fosse uma fórmula mágica.  
— Feliz aniversário de casamento.

Deixou-me beijá-la, o que era um sinal positivo. Senti o sabor a champagne rosé nos lábios dela. Já estávamos nus quando ela me mordeu com força na orelha.

— És tão mentiroso. — Depois, esticou-se para a minha mesa de cabeceira e tirou um reluzente pacotinho estanhado. — Embrulha-o, meu lindo.

Sei que muita gente diria que o nosso casamento estava em maus lençóis. As pessoas transbordam de opiniões quando não sabem o que se passa à porta fechada, na cama, entre a noite e a manhã. Mas como testemunha, e inclusive como membro, da nossa relação, estou convencido do oposto. Era ótimo sinal eu conseguir enfurecê-la com um simples pedaço de papel e ela conseguir enlouquecer-me com um simples preservativo.

Sim, éramos marido e mulher, mas jovens e apaixonados. Ao fim de um ano, o fogo da paixão ainda estava bem aceso.

A verdade é que é um desafio ser uma versão melhorada. Na teoria, somos a Whitley e o Dwayne da série *A Different World*, já crescidos. Mas a Celestial e eu somos uma coisa que Hollywood nunca imaginou. Ela era talentosa, e eu, o seu empresário e musa. Não pensem que me estendia em pelota para ela me desenhar. Não, limitava-me a viver a minha vida e ela observava. Quando ficámos noivos, ela ganhou um concurso com uma escultura de vidro que criou. Ao longe, parecia um berlinde, mas quando nos aproximávamos e olhávamos de determinado ângulo, distinguíamos os traços do meu perfil a rodopiarem no interior. Alguém lhe ofereceu cinco mil dólares pela obra, mas a Celestial não quis separar-se dela. Estas coisas não acontecem quando um casamento está em perigo.

Ela fazia coisas por mim e eu por ela. Antigamente, quando era o homem que trabalhava para que a mulher não precisasse, dizia-se que ele a alimentava. Era um objetivo do Roy Grande, alimentar a Olive, mas nunca funcionou como queria. Em homenagem a ele, e talvez a mim próprio, eu trabalhava o dia inteiro para que a Celestial pudesse ficar em casa a fazer bonecas, o seu principal meio artístico. Gosto dos berlindes museológicos e dos

desenhos de linhas delicadas, mas as bonecas eram uma coisa na qual qualquer pessoa comum alinharia. A minha ideia era uma linha de bonecas de pano que venderíamos por atacado. Podiam ser expostas numa prateleira ou abraçadas até se descoserem. Continuariam a existir as peças personalizadas topo de gama e as obras de arte. Essas podiam chegar facilmente a render dezenas de milhares. Mas as bonecas de todos os dias é que iam lançá-la, expliquei-lhe. E vejam só: eu tinha razão.

Sei que tudo isto são águas passadas de um rio que não era pequenino e doce. Mas, para ser justo, tenho de contar esta história toda. Estivemos casados durante um ano e picos, mas foi um ano bom. Até ela teria de o admitir.

Um meteoro espatifou-se na nossa vida no fim de semana do Dia do Trabalhador<sup>1</sup>, quando fomos a Eloe visitar os meus pais. Fizemos o trajeto de carro, porque eu gostava de viagens de automóvel. Associava os aviões ao meu trabalho. Naquela altura, era comercial de uma editora escolar, especializada em manuais de Matemática, apesar de o meu jeito para números se ficar pela tabuada dos doze. Safava-me bem nesse emprego, porque sabia vender. Na semana anterior, tinha fechado um belo contrato de manuais com a minha antiga universidade e estava na corrida para melhor vendedor do estado da Geórgia. Isso não fazia de mim um magnata, mas estava esperançoso de receber um bónus suficientemente chorudo para começar a falar em comprar casa. A nossa atual residência não tinha nada de mal, uma vivenda de construção robusta numa rua sossegada. Só que tinha sido uma prenda de casamento dos pais dela, a casa onde ela crescera, legada à filha única, e somente a ela.

---

<sup>1</sup> Feriado nacional americano, celebrado na primeira segunda-feira de setembro. (*N. da T.*)

Era o mesmo que fazem os brancos, uma ajudinha na vida, ao estilo americano. Mas digamos que eu queria pendurar o meu chapéu num cabide que tivesse o meu próprio nome.

Eis o que me ia na mente, mas não na alma, quando metemos pela Interestadual 10, a caminho de Eloe. Tínhamo-nos entendido, depois da nossa briga no aniversário de casamento, e estávamos de novo em sintonia um com o outro. Um hip-hop da velha guarda tocava muito alto na aparelhagem do nosso Honda Accord, um tipo de carro de família com dois lugares vazios no banco de trás.

Ao fim de seis horas, fiz pisca na saída 163. Quando entrámos na estrada de duas faixas, senti uma mudança na Celestial. Contraí um pouco os ombros e mordiscou as pontas do cabelo.

— O que é que se passa? — perguntei, baixando o som do melhor álbum de hip-hop do mundo.

— Estou só nervosa.

— Porquê?

— Nunca tiveste a sensação de que deixaste o lume aceso? Voltei a aumentar o som da aparelhagem.

— Então, liga ao teu Andre.

A Celestial mexericou no cinto de segurança, como se a magoasse no pescoço.

— Fico sempre assim na presença dos teus pais, constrangida.

— Dos meus pais?

A Olive e o Roy Grande são as pessoas mais terra a terra de todos os tempos. Já os pais da Celestial não eram aquilo a que se chama acessíveis. O pai era um homem baixinho, um meia-leca, com uma enorme carapinha à Frederick Douglass, com risca ao lado e tudo e, para cúmulo, era uma espécie de inventor genial. A mãe trabalhava no setor educativo, não como professora ou diretora de uma escola, mas como subdiretora de todo o sistema de ensino. E já contei que o pai dela ganhou uma pipa de massa

há dez ou doze anos, quando inventou um composto que impede o sumo de laranja de deslçar tão depressa? Vendeu a fórmula à Minute Maid e, desde então, eles nadam em dinheiro. A mãe e o pai dela: *isso* é que não é pera doce. Comparados com eles, a Olive e o Roy Grande são canja.

— Sabes que os meus pais te adoram — comentei.

— Adoram-te *a ti*.

— E eu adoro-te, por isso eles adoram-te. É pura aritmética.

A Celestial olhou para as árvores escanzeladas que desfilavam pela janela.

— Tenho um mau pressentimento, Roy. Vamos para casa.

A minha mulher tem propensão para o drama. Ainda assim, senti-lhe nas palavras qualquer coisa que só posso descrever como medo.

— O que foi?

— Não sei — disse ela. — Mas vamos voltar para trás.

— E eu digo o quê à minha mãe? Sabes que por esta altura já ela está a preparar o jantar a todo o gás.

— Atira as culpas para cima de mim — retorquiu a Celestial.

— Diz que a culpa é toda minha.

Em retrospectiva, é como vermos um filme de terror e perguntarmo-nos porque é que as personagens estão tão decididas a ignorar os sinais de perigo. Quando uma voz espectral diz «VAI-TE EMBORA» devemos ir embora. Mas, na vida real, não sabemos que estamos num filme de terror. Achemos que a nossa mulher está a ser melodramática. Esperamos no nosso íntimo que tal se deva a uma gravidez, porque um bebé é aquilo de que precisamos para trancar essa porta e deitar fora a chave.

Quando chegámos a casa dos meus pais, a Olive esperava-nos no alpendre da entrada. A minha mãe tinha um fraquinho por perucas e, desta vez, usava uma aos caracóis cor de pêssego em



calda. Estacionei no quintal, colado ao para-choques do Chrysler do meu pai, desliguei o carro, abri a porta de rompante e galguei os degraus dois a dois, para encontrar a minha mãe a meio caminho num abraço. Ela era diminuta, por isso dobrei as costas para a levantar do chão e ela riu-se, musical como um xilofone.

— Roy Pequeno — disse ela. — Chegaste!

Quando a pousei, olhei por cima do ombro e não vi nada, senão ar, pelo que trotei escada abaixo, uma vez mais, descendo os degraus dois a dois. Abri a porta do carro e a Celestial esticou o braço. Juro que ouvi o revirar de olhos da minha mãe, enquanto eu ajudava a minha mulher a sair do Honda.

— É um triângulo — explicou o Roy Grande. Desfrutávamos de dois dedos de conhaque na sala, enquanto a Olive se atarefava na cozinha e a Celestial se retocava na casa de banho. — Tive sorte — continuou ele. — Quando conheci a tua mãe, éramos ambos livres. Os meus pais já tinham morrido e os dela estavam em Oklahoma e agiam como se ela nunca tivesse nascido.

— Elas vão acabar por se entender — disse eu ao Roy Grande. — A Celestial demora sempre um bocado a habituar-se às pessoas.

— A tua mãe não é propriamente a Doris Day — concordou ele, e erguemos os copos às mulheres difíceis pelas quais éramos loucos.

— Vai correr tudo melhor quando tivermos um bebé — continuei.

— Verdade. Um neto consegue apaziguar um animal feroz.

— A quem estás tu a chamar animal feroz? — perguntou a minha mãe, vinda da cozinha e sentando-se no colo do Roy Grande, como uma adolescente.

Pela outra porta, entrou a Celestial, fresca, encantadora e a cheirar a tangerinas. Comigo enroscado na poltrona reclinável

e os meus pais aninhados como pombinhos no sofá, não havia lugar para ela se sentar, por isso dei uns toques no meu joelho. Hesitante, ela empoleirou-se no meu colo e parecia que éramos dois casais constrangidos, saídos dos anos 50.

A minha mãe endireitou-se.

— Celestial, ouvi dizer que és famosa.

— Desculpe? — disse ela, e mexeu-se um pouco para se levantar do meu colo, mas segurei-a com firmeza.

— A revista — esclareceu a minha mãe. — Porque é que não nos contaste que estás a fazer furor no mundo?

A Celestial fez um ar tímido.

— É só o boletim da faculdade.

— Não deixa de ser uma revista — insistiu a minha mãe, tirando o exemplar reluzente de debaixo da mesa de apoio e folheando-o até encontrar uma página com o canto dobrado, onde se via a Celestial com uma boneca de pano que representava a Josephine Baker. «Artistas a seguir», anunciava em letras gordas.

— Enviei-lhes a revista — confessei. — O que é que tu queres? Estou orgulhoso.

— É verdade que as pessoas pagam cinco mil dólares pelas tuas bonecas? — A Olive crispou os lábios e olhou-a de viés.

— Nem sempre — disse a Celestial, mas eu sobrepus-me.

— É verdade — disse. — Sabem que sou o empresário dela. Acham que deixava alguém enganar a minha mulher?

— Cinco mil dólares por uma boneca? — A Olive abanou-se com a revista, fazendo esvoaçar o seu cabelo cor de pêssego em calda. — Acho que foi para isso que Deus inventou os brancos.

O Roy Grande riu-se, e a Celestial debateu-se como um besouro para se soltar do meu colo.

— A fotografia não lhe faz jus — disse ela, parecendo uma menina pequena. — O turbante tem contas cosidas à mão e...

— Cinco mil dólares dão para comprar um monte de contas — comentou a minha mãe.

A Celestial olhou para mim e, tentando apaziguar os ânimos, eu disse:

— Mãe, é o jogo que está errado e não o jogador.

Quem tem uma mulher, sabe exatamente quando disse a coisa errada. Não percebo como, mas ela consegue reorganizar os iões do ar e, de repente, deixamos de respirar tão bem.

— Não é um jogo, é arte. — Os olhos da Celestial pousaram nas gravuras emolduradas, de inspiração africana, penduradas nas paredes da sala. — Arte a sério.

O Roy Grande, diplomata experiente, disse:

— Talvez se pudéssemos ver uma das tuas bonecas ao vivo...

— Eu tenho uma no carro — respondi. — Vou buscá-la.

O boneco, envolto numa manta macia, parecia um bebé. Era uma das idiosincrasias da Celestial. Para uma mulher que se mostrava, digamos assim, apreensiva em relação à maternidade, ela era muito protetora das suas criações de pano. Tentei dizer-lhe que teria de adotar uma atitude diferente quando abrissemos a nossa loja. As *poupées*, como se chamavam as bonecas, custariam uma fração das obras de arte, como a que eu tinha nas mãos. Teriam de ser costuradas com rapidez e, quando a moda pegasse, seriam produzidas em série. Nada daquela mania de as envolver em mantas de caxemira. Mas fechei os olhos a esta, que era uma encomenda do presidente da câmara de Atlanta para oferecer à sua chefe de gabinete, que ia ter um bebé por volta do Dia de Ação de Graças.

Quando afastei a manta para a minha mãe ver a cara do boneco, ela engoliu uma ruidosa golfada de ar. Pisquei o olho à Celestial e ela teve o gesto atencioso de reorganizar os iões do ar para que eu pudesse voltar a respirar à vontade.

— És tu — disse a Olive, tirando-me o boneco das mãos, com o cuidado de apoiar bem a cabeça.

— Usei uma fotografia dele — explicou a Celestial.  
— O Roy é a minha inspiração.

— Foi por isso que ela se casou comigo — brinquei.

— Não foi só por isso — acrescentou ela.

Era um momento mágico sempre que a minha mãe ficava sem palavras. Estava de olhos postos no bebé nos seus braços, e o meu pai juntou-se-lhe e espreitou por cima do ombro dela.

— Usei cristais austríacos no cabelo — explicou a Celestial, entusiasmando-se. — Vire-o para captar a luz.

A minha mãe obedeceu, e a cabeça do boneco brilhou quando a luz das nossas lâmpadas banais refletiu no toucado de contas pretas.

— Parece um halo — disse a minha mãe. — É isto que acontece quando temos um bebé de verdade. Temos um anjo só nosso.

A minha mãe aproximou-se do sofá e pousou o boneco sobre uma almofada. Foi uma experiência alucinante, porque o boneco era mesmo parecido comigo ou, pelo menos, com as minhas fotos em bebé. Era como olhar para um espelho mágico. Vi, na Olive, a miúda de dezasseis anos que ela tinha sido, uma mãe demasiado precoce, mas afetuosa como a primavera.

— Eu podia comprar-ta?

— Não, mãe — respondi, a rebrilhar de orgulho. — Foi uma encomenda especial. Dez mil dólares. Dinheiro rápido, e aqui o teu querido foi o responsável pela transação!

— Claro — retorquiu ela, dobrando a manta sobre o boneco, como um sudário. — Para que é que eu preciso de um boneco? Uma velha como eu?

— Pode ficar com ele — disse a Celestial.

Lancei-lhe aquele meu olhar a que ela chama a expressão à Gary Coleman. O contrato especificava a entrega até ao final

do mês. O prazo era mais do que inflexível; estava registado a tinta preta no notário e em triplicado. Não havia cláusula a contemplar atrasos.

Sem sequer me fitar, a Celestial acrescentou:

— Posso fazer outro.

— Não — disse a Olive —, não te quero prejudicar. É só que é tão parecido com o Roy Pequeno.

Estiquei o braço para lhe tirar o boneco das mãos, mas a minha mãe não estava disposta a largá-lo e a Celestial também não me facilitava a situação. Ela cede sempre a quem aprecia o seu trabalho. Era mais uma coisa que teríamos de mudar, se realmente quiséssemos fazer daquilo um verdadeiro negócio.

— Fique com ele — insistiu a Celestial, como se não tivesse trabalhado naquele boneco durante três meses. — Eu faço outro para o presidente da câmara.

Foi a vez de a Olive agitar os iões.

— Ah, para o presidente da câmara! Bem, então quem sou eu! — Entregou-me o boneco. — Guarda-o no carro antes que eu o suje. Não quero que me mandes uma conta de dez mil dólares.

— Não foi nesse sentido que eu falei. — A Celestial olhou para mim, como que a pedir desculpa.

— Mãe — disse eu.

— Olive — disse o Roy Grande.

— Senhora Hamilton — disse a Celestial.

— Está na hora do jantar — disse a minha mãe. — Espero que ainda gostem de batata-doce em calda e folhas de mostarda.

Não jantámos em silêncio, mas ninguém falou sobre nada de especial. A Olive estava tão furiosa que estragou o chá gelado. Bebi um longo sorvo, à espera do gosto suave a cana-de-açúcar no fim e engasguei-me com o sabor quente a sal grosso. Pouco

depois, o meu diploma do secundário caiu da parede e uma brecha em forma de estrela estalou no vidro. Sinais? Talvez. Mas não pensei em mensagens vindas do céu. Estava demasiado distraído por ter sido apanhado sem querer entre duas mulheres que me eram mais preciosas do que tudo na vida. Não é que eu não saiba desvencilhar-me numa situação complicada. Qualquer homem sabe o que é ter de se desdobrar. Mas com a minha mãe e a Celestial, sentia-me dividido ao meio. A Olive trouxe-me ao mundo e educou-me para ser o homem que eu era. Mas a Celestial constituía a chave para o resto da minha vida, a porta reluzente para o nível seguinte.

A sobremesa foi bolo *sock-it-to-me*<sup>1</sup>, o meu preferido, mas a briga por causa do boneco de dez mil dólares tirou-me o apetite. Não obstante, esforcei-me por comer duas fatias com a tira interior de canela, porque toda a gente sabe que a maneira de piorar uma situação já de si má com uma mulher sulista é recusar a comida dela. Portanto, comi como um refugiado, e a Celestial também, embora ambos tivéssemos jurado eliminar o açúcar refinado da nossa alimentação.

Assim que levantámos a mesa, o Roy Grande perguntou:

— Então, vão buscar os vossos sacos de viagem?

— Não, Grandalhão — respondi, num tom ligeiro. —

Reservei quarto no Piney Woods.

— Preferes ficar naquele pardieiro em vez de em nossa casa? — retorquiu a Olive.

— Quero levar a Celestial de volta ao começo de tudo.

— Para isso, não era preciso lá dormirem.

---

<sup>1</sup> Bolo típico do Sul, feito com farinha, açúcar mascavado, natas azedas, canela e nozes-pecã, assado numa forma redonda com furo e coberto de açúcar. O nome traduz-se literalmente por «dá-me tudo» e vem de uma expressão que foi muito popular na televisão no final dos anos 60, início dos anos 70. (N. da T.)